

# Paráfrase de Carlos Drummond de Andrade

EDSON NERY DA FONSECA \*

Parafrazeando o poema «Mãos Dadas», de Carlos Drummond de Andrade, define-se o que deve ser o bibliotecário de uma época interdependente, condenando-se o isolacionismo, o tecnicismo e a fraseologia bibliofílica.

## 1 — O POEMA

Em *Sentimento do Mundo*, terceiro livro de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1940, encontra-se um dos seus melhores poemas: “Mãos Dadas”.<sup>1</sup> De tanto o ler, acabei decorando este poema que nos ensina a solidariedade, condenando tanto as atitudes passadistas como as futuristas, tanto o romantismo piegas como a exploração de temas prosaicos, tanto a interdependência — impossível numa época interdependente — como todos os tipos de alienação.

Um dia, farto de ver as bibliotecas brasileiras preocupadas com tanta “coisa obsoleta” — como diria o Machado de Assis da crônica sobre “O Velho Sena-

---

\* Professor Titular da Universidade de Brasília. Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados.

do”<sup>2</sup> — desabafei com esta paráfrase do primeiro verso de “Mãos Dadas”:

Não serei o bibliotecário de um mundo caduco !

Ocorreu-me, agora, a idéia de parafrasear todo o poema, especialmente para esta nova revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nesta paráfrase não faço mais do que exprimir uma atitude de oposição ao conservantismo, ao isolacionismo, à mania infantil por máquinas e a outros males crônicos da biblioteconomia mundial.

Aos que estranharem a forma poemática parafraseada, responderei antecipadamente com a declaração que Fernando Pessoa colocou num poema do seu heterônimo como Álvaro de Campos; sendo engenheiro naval, ele fazia questão de dizer que era técnico mas tinha técnica “só dentro da técnica”: fora disso era “doido, com todo o direito a sê-lo”.<sup>3</sup>

## 2 — A PARÁFRASE

### BIBLIOTECÁRIO DE MÃOS DADAS

Não serei o bibliotecário de um mundo caduco

Também não me deixarei encantar pela biblioteconomia

[do futuro

Estou no balcão de referência e contemplo os leitores da

[biblioteca

Seus estudos alimentam a minha esperança

Mas considero, perplexo, o enorme universo dos livros

Deste mundo tão grande somos apenas uma parte

A tarefa é comum, trabalhemos de mãos dadas.

Não serei o escravo de um código obsoleto e de um sistema  
[ultrapassado]

Não direi que a biblioteca é hospital de almas  
e o livro um amigo silencioso que não falha

O leitor é o meu objetivo: o leitor adulto, o leitor juvenil,  
[o leitor infantil]

O aluno e o professor, o neoalfabetizado e o pesquisador  
[científico].

Para cada leitor existe um livro  
e para cada livro encontrarei o seu leitor.

### 3 — COMENTÁRIO

Em biblioteconomia, mundo caduco é o das *Norme per il catalogo degli stampati*,<sup>4</sup> o das *Anglo-American cataloging rules*,<sup>5</sup> o das *Rules for descriptive cataloging*,<sup>6</sup> o da Classificação Decimal de Melvil Dewey,<sup>7</sup> o das frases em que se compraz uma bibliografia lango-rosa.

No extremo oposto está a fascinação idiota por equipamentos anunciados como deuses *ex-machina* da chamada “explosão bibliográfica” e suas soluções. Como em tudo o mais, a virtude situa-se no meio termo: nem informaticofobia nem informaticomania.

O balcão de referência é, sem dúvida, o lugar mais importante da biblioteca. Em vez de receber o leitor como um importuno que vem perturbar seu sossego, o bibliotecário deve estar tanto mais alegre quanto mais cheia de leitores estiver a biblioteca.

Uma perplexidade, entretanto, sempre o assalta e ninguém a exprimiu melhor do que Ortega y Gasset quando exclamou: “Hay ya demasiados libros”.<sup>8</sup> A consciência desse problema — “el libro como conflicto”<sup>9</sup> — deve levar-nos a evitar o isolacionismo, colaborando com os outros bibliotecários e contribuindo, assim, para a formação de uma rede ou sistema de bibliotecas.

As normas de catalogação e os sistemas de classificação bibliográfica são necessários, mas devem estar a serviço dos leitores — e não dos bibliotecários que, em muitos casos, deles se utilizam exatamente *pour épater le lecteur* — como os sábados a que se referia Jesus Cristo em conhecida parábola.

A biblioteca não é o “hospital de almas” da frase acaciana.<sup>10</sup> Se ela faz alguma coisa pelas almas será antes saculejá-las do que hospitalizá-las. De alguns livros sabemos que contribuem em menos para salvar do que para perder as almas. Foi lendo livros de Cavalaria que Dom Quixote enlouqueceu. Depois de ler o romance *Fabrizio Luppo*, um jovem mexicano suicidou-se, deixando carta dramática para o autor, Carlo Coccioli, que desde então passou a residir no México, onde escreveu, entre outros inúmeros livros, *Un Suicide*.<sup>11</sup> Antes, aliás, desse episódio que poucos conhecem, houve a famosa cadeia de suicídios provocada, na Europa, pelo *Werther* de Goethe. Na biblioteca particular de um dos Inconfidentes mineiros — o cônego Luís Vieira da Silva — encontraram os sequestradores de seus bens 270 obras em cerca de oitocentos volumes, segundo os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*. Uma dessas obras era, nada mais nada menos do que a famosa *Encyclopédie* organizada por Diderot e D'Alembert, obra que pelo seu caráter subversivo impedia qualquer biblioteca de ser ou considerar-se “hospital de almas”. Sobre o assunto, como se sabe, Eduardo Frieiro escreveu excelente ensaio bibliográfico.<sup>12</sup>

Nos chamados *beaux vieux temps*, o livro podia ser considerado como “amigo silencioso que não falha”. Hoje, não! Com a explosão bibliográfica ele transformou-se num quase inimigo, como salientou Ortega ao escrever que o bibliotecário atual “habrará de ejercer

la policía sobre el libro y hacerse domador del libro enfurecido".<sup>13</sup>

Ao contrário do bibliotecário da antiguidade — que precisava antes conservar que difundir o livro, por ser este um objeto raro — o bibliotecário moderno preocupa-se mais com o leitor, seja qual for a sua idade, nível cultural ou condição social.

A paráfrase termina aludindo a duas das conhecidas *Five laws of library science*, estabelecidas pelo bibliotecário indiano S R. Ranganathan: "Every reader his book" e "Every book its reader".<sup>14</sup> Aparentemente, na distinção entre estas duas leis existe apenas um trocadilho. Na realidade, porém, elas são complementares.

Quando afirmamos que para cada leitor deve existir um livro, colocamos — como explica Ranganathan — um problema nacional, que é o da responsabilidade que têm os governos de favorecerem leitura para todo o povo e não apenas para uma elite. Disse Anísio Teixeira, no título de um de seus livros, que *Educação não é privilégio*. Nem educação nem biblioteca, digamos completando o saudoso educador, que sabia muito bem não ser possível a existência de uma coisa sem a outra.

Ao estabelecer "every book its reader", Ranganathan tinha em vista a indispensável adequação de cada livro aos diferentes gêneros de leitores: diferenças etárias, psíquicas e éticas. Censuras de ordem religiosa ou ideológica não são admissíveis; mas pelo próprio fato de que nem todo livro é "o amigo silencioso que não falha" e de que as bibliotecas não são "hospitais de almas", há que restringir-se a leitura de certos livros de acordo com a idade, a psicologia e a formação de cada leitor.

Paraphrasing the poem «Mãos Dadas» by Carlos Drummond de Andrade, one defines what the librarian of an interdependent period must be, condemning the isolationism, the excessive employment of technical skills and the bibliophilic phraseology.

#### 4 — NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*, organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, J. Aguilhar, 1964, p. 111. O poema se encontra em todas as antologias do autor, recomendando-se, pelos excelentes comentários do professor Gilberto Mendonça Teles, a *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro, José Olympio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1971, p. 121. Ainda sobre "Mãos Dadas", convém ler o belíssimo ensaio de Otto Maria Carpeaux, "Fragmento sobre Carlos Drummond de Andrade", em seu livro *Origens e fins*, Rio de Janeiro, Casa de Estudante do Brasil, 1943, p. 329-338.
2. MACHADO DE ASSIS, J.M. "O Velho Senado". Em seu *Contos B*. Apresentação de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, Lia Ed. em convênio com o Instituto Nacional do Livro, s.d. (Machado para a juventude, v. 5) p. 230-240.
3. PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro, J. Aguilhar, 1960, p. 317.
4. BIBLIOTECA APOSTÓLICA VATICANA. *Norme per il catalogo degli stampati*. 3. ed. Città del Vaticano, 1949, 396 p. Na Conferência Ibero-Americana de Bibliotecários, realizada em Madri, de 20 de outubro a 3 de novembro de 1952, Dom Anselmo Maria Albareda, monge beneditino que dirigia a Biblioteca Apostólica Vaticana afirmou que o famoso código, tendo sido especialmente elaborado para aquela biblioteca, não deveria ser aplicado em qualquer outra biblioteca do mundo (cf. *Library of Congress Information Bulletin* (Washington, D.C.) December 29, 1952, Appendix, p. 1, in

- fine*). Apesar disso, as *Normas para catalogação de impressos* da B.A.V. foram impostas às bibliotecas brasileiras através de duas edições em português, ambas publicadas com favores governamentais.
5. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION et alii. *Anglo-American cataloging rules*, prepared by the American Library Association, the Library of Congress, the Library Association and the Canadian Library Association, North American Text. Chicago, American Library Association, 1967. xxii, 400 p. Também essa espécie de "vaca sagrada" foi imposta às bibliotecas brasileiras através de uma edição particular.
  6. LIBRARY OF CONGRESS. *Rules for descriptive cataloging in the Library of Congress*. Washington, D.C., 1949. Destas, a própria Biblioteca do Congresso encarregou-se da edição em português: *Regras de catalogação descritiva na Library of Congress (adotadas pela American Library Association)* Traduzidas pela Sra. Maria Luisa Monteiro da Cunha... Washington, D.C., 1956. vii, 173 p.
  7. A obsolescência da Classificação Decimal de Melvil Dewey foi há anos reconhecida pelos próprios bibliotecários dos Estados Unidos, onde este sistema vem sendo progressivamente substituído pelo da Biblioteca do Congresso. Leia-se, por exemplo, de Marjorie H. Hyslop, da American Society for Metals, o "Inventory of methods and devices for a analysis, storage, and retrieval of information", in: Shera, Jesse H. et alii, ed. *Documentation in action*. New York, Reinhold; London, Chapman & Hall, 1956, p. 101-136 (especialmente p. 119); e de Thelma Eaton, professora de Classificação na Universidade de Illinois, o impressionante "Epitaph to a dead classification", em seu livro *Classification in theory and practice*, Champaign, Ill., The Illini Union Bookstore, 1957.
  8. ORTEGA Y GASSET, José. *Misión del bibliotecario y otros ensayos afines*. 2. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1967, p. 87.
  9. ORTEGA Y GASSET, José. *loc. cit.*

10. Recentemente, lendo um livro belíssimo, verifiquei ser a frase "Hospital de Almas" muito mais antiga do que pensava: ela foi, com efeito, escrita no limiar da biblioteca do Foro de Trajano, em Roma (cf. Marquerite Yourcenar, *Mémoires d'Hadrien*, Paris, Plon, 1951, p. 238). No século IV elas ainda podiam ser assim consideradas...
11. COCCIOLI, Carlo. *Fabrizio Luppo*. 2. ed. México, Companhia General de Ediciones, 1953. 417 p. *Un Suicide*. Paris, Flammarion, 1959.
12. FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira, 1945, 92 v. 2. ed.: *O diabo na livraria do cônego, Como era Gonzaga e outros temas*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1957, p. 9-82.
13. ORTEGA Y GASSET, José. *op. cit.*, p. 86.
14. RANGANATHAN, S. R. *The five laws of library science*. 2. ed. Bombay, Asia Publishing House, 1963. 449 p. (Ranganathan series in library science, n. 12).